

SE-MOVIMENTAR: percepção, saúde e movimento na escola¹

Carlos Luiz Cardoso

INTRODUÇÃO

Era observando o cosmos que os primeiros filósofos lançavam perguntas e, conseqüentemente, suas respostas têm sido temas filosóficos até hoje. Dessa ideia inicial, tanto o cosmos quanto o ser humano vêm sendo motivos de questionamentos: Como começou o universo no qual vivemos hoje? De onde veio e como o homem mora nesse planeta? O mundo sempre existiu antes de tudo? Portanto, os estudos sobre o ser humano ganham um campo denominado antropologia, que, juntamente com as novas áreas científicas como psicologia e sociologia, forma um campo de investigação com maior amplitude nos dias atuais, mas parece não ter ainda as respostas para a imensidão daquelas primeiras questões gregas e também das que emergem nessa época.

Novas respostas vieram e ganharam novos contornos e, para uma aproximação entre essas mais novas teorias e os fundamentos antropológicos da teoria do movimento humano, vamos abordar a via da psicologia da *Gestalt*², utilizando alguns textos traduzidos para o português e o espanhol, principalmente de autores como Viktor von Weizsäcker e Paul Christian, em áreas como antropologia filosófica, medicina e fenomenologia.

ORIGENS DO CÍRCULO DA GESTALT [GESTALKREIS]

O diálogo dos dois cientistas em questão não esgota os integrantes dessa nova visão que surge no início do século passado; no entanto, são aqueles que de certa forma mais se aproximaram de nossa área de intervenção, como o esporte, o jogo, o movimento humano e a educação física. O primeiro, Viktor von Weizsäcker, dá origem à nova compreensão de *movimento-percepção*, unindo duas manifestações do ser humano que até então não tinham sido encaradas de tal forma. O segundo, Paul Christian, por seu lado, ajustou as ideias iniciais do seu professor, acrescentando que no momento do *movimento-percepção* está ocorrendo uma *orientação de valor*, pois todo o organismo vivo se dirige para

1 O presente artigo é resultado de um recorte do Relatório de Atividades do Estágio Científico Avançado de Doutorado, financiado pela CAPES, por meio do PDSE - Bolsa Sanduíche, no PPGEF - CDS, da UFSC, Florianópolis/Brasil, como Bolsista no Processo BExt. n. 3370/2015-1, tendo como co-orientador estrangeiro prof. António Camilo Teles Nascimento Cunha e como orientador brasileiro prof. Elenor Kunz, publicado na Revista Portuguesa de Educação/RPE, v. 29, n. 1, 2016, publicação semestral do Centro de Investigação em Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho - Braga, Portugal.

2 Seguimos aqui a estratégia de Trebels (2006), quando refere a concepção dialógica do movimento humano, segundo a teoria do *se-movimentar*, apresentando inicialmente o campo *gestáltico* e em seguida a *fenomenologia francesa*. Procuramos ampliar principalmente a compreensão dos conceitos de antropologia médica e *percepção-movimento* para a educação física escolar.

algo e o sentimento de completude está intimamente relacionado ao *fazer*, por isso o ser humano se orienta *na e pela intencionalidade*.

Entende-se, portanto, que a ligação entre a *Gestalt* e a fenomenologia encontra-se na própria concepção de *Gestalt*. Esta concepção é utilizada tanto pelos professores do Círculo da *Gestalt* nas bases da antropologia médica quanto por professores holandeses nos princípios da teoria dialógica do *se-movimentar*, de modo que esses dois pilares sustentam e desenvolvem suas reflexões com a fidelidade gestáltica e a profundidade fenomenológica exigidas nos fundamentos antropológicos da concepção do movimento humano, na forma de *modos de comportamento*.

A palavra *Gestalt* tem origem alemã, com surgimento apontado em 1523, por meio da tradução da Bíblia, onde significaria *o que é colocado diante dos olhos, ou exposto aos olhares*. Em português, o seu significado refere-se à *forma, figura, todo* ou um *padrão*. Também se adota hoje, nas mais diversas línguas, para indicar aquilo que significa *um processo de dar forma ou configuração*, de modo que integra as partes em oposição à soma das partes num *todo*. O professor Engelmann (2002) diz que há uma pseudo-polêmica entre o uso da noção de *forma* ou uma entidade com atributos, inclusive a *forma*, na expressão da ideia de *Gestalt* em diferentes línguas e culturas, portanto

O substantivo alemão ‘*Gestalt*’, desde a época de Goethe, apresenta dois significados algo diferentes: (1) a forma; (2) uma entidade concreta que possui entre seus vários atributos a forma. É o segundo significado que os gestaltistas do grupo, que posteriormente vai se chamar Berlim, utilizam. É por isso que a tradução da palavra ‘*Gestalt*’ não se acha nas outras línguas e a melhor maneira encontrada pelos próprios gestaltistas ao escrever em idiomas diferentes é simplesmente mantê-la (Engelmann, 2002, p. 3).

O nome *Gestaltkreis* (*O círculo da forma*) é utilizado pelo médico alemão para conceber sua doutrina antropológica no interior da medicina da época, originada na concepção circular psicossomática. A antropologia médica passa a conceber a pessoa enferma, diferentemente da medicina hegemônica, que concebe a doença como se fora possível uma doença sem a presença da pessoa³.

A teoria da *Gestalt* vai permitir um alcance científico jamais imaginado, tanto que recentemente, a partir de 1985 aproximadamente, ressurgem o universo gestáltico, por meio de uma abordagem denominada neo-gestáltica, e há também o renascimento da psicologia da *Gestalt*. Com o surgimento da tecnologia da computação e seus sofisticados aparelhos, os antigos problemas voltam a ser pesquisados, passam por um minucioso estudo e reafirmam o que os predecessores já diziam a respeito da *Gestalt*. Diante de tais constatações, nos parece razoável reconsiderar as ideias iniciais a respeito do Círculo da *Gestalt* que

3 Assim como a antropologia médica passa a conceber a pessoa enferma, diferentemente da medicina hegemônica que concebe somente a doença, como se fora possível uma doença sem a presença da pessoa, também no campo da Educação Física, a concepção dialógica do *se-movimentar* passa a conceber a pessoa que *se-move*, diferentemente da Educação Física hegemônica ou tradicional, que concebe somente o *movimento*, como se fora possível um movimento sem a presença da pessoa.

Trebels (2006) destaca em seu artigo, para uma ampliação e melhor compreensão daquilo que posteriormente veio se constituir na Teoria do Movimento Humano, tendo como categoria central a concepção dialógica do *se-movimentar*.

VIKTOR FREIHERR VON WEIZSÄCKER: Antropologia médica e percepção-movimento

A intenção de Weizsäcker (1956) teve como meta a reformulação das bases da medicina da época; para isso, o médico alemão, que viveu no período de 1886-1957, elaborou a proposta de uma *Medicina Antropológica*. Essa mudança de perspectiva leva para o centro do debate na área da saúde o ser humano como o núcleo de desenvolvimento mais complexo entre os organismos vivos e passa a ser encarado como um todo orgânico, com corpo, alma e espírito unidos, de forma alguma deixando dúvidas sobre a mínima possibilidade de que fosse possível concebê-los em forma separável. Além do fato dessa nova concepção na área da saúde levar em conta a superação das bases filosóficas e científicas, radicadas no mecanicismo e no materialismo, considerava também a importância das condições sociais dos enfermos, e também os acometimentos religiosos, econômicos, culturais e políticos da época, na Europa.

O primeiro passo que ajudou a fundamentar a futura medicina antropológica estava depositado na *Medicina psicossomática*, o que posteriormente levou Weizsäcker a concluir, segundo seus estudos no campo da filosofia e da psicanálise, que esse seria um passo inicial, pois era evidente a realização da passagem da medicina psicossomática para a medicina antropológica. Apostava, portanto, numa psicologia com maior profundidade no interior da área da saúde, pois vislumbrava a medicina como um espaço na compreensão do padecimento e na constituição das enfermidades, de acordo com as condições das pessoas, pois para ele não há enfermidades, mas sim pessoas enfermas. Foi por isso que o médico alemão foi seduzido pela fenomenologia, principalmente a *fenomenologia sociológica* de Max Scheler, e pela teoria da *Gestalt*, abordando nesses espaços teóricos e práticos a totalidade do ser humano. É seguindo esse caminho da psiquiatria fenomenológica, medicina geral e neurologia que ele funda, no decorrer dos anos, a Medicina Antropológica, e argumenta para isso que tanto os fenômenos psíquicos quanto somáticos são integrantes de um mesmo *fluxo vital*, portanto as enfermidades são concebidas como *doenças psicossomáticas*, podendo ser diagnosticadas, de acordo a Weizsäcker (1968), pela unidade *movimento-percepção*, como resultado de estudos, investigações e intervenções práticas na área da saúde.

Esse novo campo de investigação inaugura, na medicina da época, a metodologia dialética equilíbrio-desequilíbrio tanto do campo psicológico como em relação ao corpo (campo somático). Essa nova metodologia é a concepção do pentagrama *pático*, pois esse é quem irá comunicar, de agora em diante, as flutuações subjetivas da existência humana e dos estados mentais do homem. É um sistema de funcionamento volitivo⁴, no qual a percepção é

4 O conceito de volitivo refere-se ao termo em latim '*voló*', que quer dizer '*quero*'. A relação do termo encontra-se em ações e fenômenos da *vontade*, ou seja, *voluntários* (em espanhol *voluntad*).



a chave da compreensão do enigma *homem integral*. Segundo Rezer e Reggio (2013) são cinco os tipos de ações ou modos de ser distintos, porém pertencentes ao mesmo sistema orgânico coerente:

O que ele considerava ser as categorias *páticas*, *Dürfen* (poder, ter), *Müssen* (dever), *Sollen* (ser obrigado a), *Können* (poder), *Wollen* (querer) são as unidades volitivas profundamente enraizadas do Ser, algumas vezes superando possibilidades da existência, outras rareando, conforme estados de doença. Essas unidades formam a estrutura da forma da vida e da personalidade (p. 26).

É lamentável que, de toda a coleção da obra de Weizsäcker, pouca coisa foi traduzida para o português e o acesso às suas reflexões se dá por meio dos comentadores. Também não é de estranhar que o paradigma das escolas brasileiras de medicina passe pelos mesmos problemas paradigmáticos das escolas de educação física em geral.

Para Neuser (1994), a teoria do *Gestaltkreis*⁵ se utiliza do neoplatonismo metódico, onde as partes de um objeto ou momentos de um evento se dirigem a uma totalidade ou unidade. Seria o caso de uma lei superior que influencia uma lei inferior, ou seja, um grupo mais elevado e complexo da realidade sempre se dirige à totalidade e à unidade. Os elementos, como unidades menores, também seguem esses princípios da unidade, portanto a pergunta na teoria da auto-organização é *como estes elementos se relacionam entre si e com o todo*. É nessa concepção que Viktor von Weizsäcker vai fundamentar sua medicina antropológica, pois o ser humano é um sistema de forças e energias que pertencem a uma unidade orgânica e a uma totalidade cósmica. Para ele a unidade *corpo-espírito* é mais original do que a dualidade corpo e espírito. A unidade precede a dualidade, pois a unidade é perceptiva e a dualidade é análise intelectual. Neuser (1994) vai dizer que

(...) o corpo é a *res extensa* e os movimentos são mudanças de espaço. Corpos (movimentados) mostram-se, portanto, como a mudança do espaço. As mudanças da alma são as percepções. Se a identidade mútua de percepção – que é a mudança da alma – e movimento – que é a passagem de corpos no espaço – pode ser apresentada, então a tarefa da teoria do *Gestaltkreis* está cumprida. Para isso, o movimento do corpo alheio deve ser mostrado, num segundo passo, como equivalente do movimento do próprio corpo. (p. 66-67)

Essa distinção necessária para a compreensão da unidade entre movimento do corpo no espaço e percepção das mudanças da alma é o círculo da

Essa é também a faculdade de decidir e organizar o próprio comportamento ou conduta, estando intimamente relacionada ao *livre arbítrio*, *livre determinação* ou *livre opção* de seguir ou recusar uma inclinação ou tendência.

5 *Der Gestaltkreis* foi escrito em 1939 e na década de 50 foi traduzido na França pelos filósofos Henry Ey e Michel Foucault. O primeiro, psiquiatra, psicanalista e filósofo, desenvolvia na época uma teoria da estrutura de estados de consciência. O segundo foi filósofo, historiador das ideias e teórico social; dedicou-se às teorias que abordavam a relação entre poder e conhecimento e como isso é usado em forma de *controle social* por meio das *instituições sociais*, principalmente clínicas de saúde, prisões, conventos e instituições psiquiátricas.

gestalt, ou seja, a forma circular de compreensão do fluxo *espacial-espiritual*. A tentativa de Weizsäcker é alcançar as unidades *corpo-alma* e *movimento-percepção* caminhando na direção de estabelecer o conceito de sujeito, no entanto essa busca é pela unidade *sujeito-objeto* tanto nos processos espaciais como espirituais. Nos dois casos, sujeito e meio ambiente pertencem a uma coerência *movimento-percepção* como unidade originária, onde a vivência é a coincidente coerência não-local, porque o movimento surge como vivência na percepção. A relação entre ambos, construindo um só fluxo auto-organizado como unidade, aparece para Weizsäcker (*apud* Neuser, 1994) da seguinte forma:

O conteúdo da vivência da percepção tem a estrutura de uma declaração predizente: a coisa é movida. Isto significa, portanto, que na percepção aparece apenas um algo como movido. Movimento é, aqui, apenas predicado para um algo subjacente ao seu fenômeno. O ato composicional da percepção, portanto, não é comparável à montagem de uma máquina, pois sua estrutura tem, como predicativo, não apenas a estruturação justaposta das partes, mas sim a estruturação profunda de ser e aparecer... Nós vemos, ouvimos, sentimos 'uma coisa' (*ein Ding*) – isto significa, agora, uma coisa aparece numa cor, num tom, numa forma e isto é neste fenômeno para mim (p. 68-69).

Essa distância ou esse desvio no referido fluxo estrutural é o que determina, na medicina antropológica de Weizsäcker, aquilo que se pode chamar de uma *forma doentia*. A estrutura normal da unidade do ser humano fica em crise, ou melhor, perde seu critério de unidade. Então, diante disso, Weizsäcker (*apud* Neuser, 1994) vai dizer que “São pessoas, que parecem ter uma elevada percepção interna, o que as capacita, não só a viver bem acima do usual do processo crítico, como também a perceber. Elas não apenas se transformam, mas elas experimentam a transformação como tal” (p. 69).

Em seguida o autor vai referendar que as crises com *forma doentia* são resultado de uma ruptura da identificação do sujeito com a continuidade da percepção do fluxo da vivência que lhe ocorre a cada instante. A crise aqui é o ápice da unidade sendo ameaçada e o organismo se prepara para a auto-organização da manutenção da unidade. A falsa percepção ou engano perceptivo é a origem da crise do sujeito, ou melhor, da *forma doentia*, porque *movimento-percepção* não permitem ruptura ou rompimento, pois é um processo que se dá numa coordenação unívoca *sujeito-objeto* ou *sujeito-meio*. Portanto, essa é a diferença de fundamento da concepção dialógica do movimento humano – não mecânico, como alternativa, que Trebels (2006) vai indicar em contribuição às reflexões dos professores de educação física holandeses no campo do ensino do movimento.

A distinção entre *sentir-se doente*, *ter uma doença* ou *ser considerado doente* é uma visão que o psiquiatra chileno Stepke (2006, p. 91-92)⁶ desenvolve no texto

6 O psiquiatra chileno tem estudos de pós-graduação desenvolvidos em medicina psicossomática e história na Universidade de Heidelberg – Alemanha; em neurociências na Universidade de Chicago – EUA; e em psiquiatria na Universidade de Sheffield – Reino Unido.



Muito além do corpo, escrito na década de 90 do século passado. Também aparecem ali outras distinções: *curar, sarar e cuidar, e doença e transtorno*. Um dos ensinamentos de Weizsäcker, segundo Stepke (2006), é o fato de que do *páthico*, da *paixão* e do *afeto* transborda aquilo que é ôntico e que pode se tornar racional; portanto, é possível prever que “A emoção – o aspecto motor do afeto – envolve todo o corpo. O campo expressivo é mais amplo que nos processos cognoscitivos”⁷ (p. 93). É dessa forma que o afeto passa a ser uma fase do processo cognitivo, auxiliando no afastamento da antiga visão emblemática de que razão e sentimento não poderiam estar próximos, mas sim separados na conhecida dualidade, tão reafirmada segundo a psicologia e a medicina de até então. A superação foi apresentada pela *Gestaltkreis*, num termo técnico que se refere à unidade entre *movimento e percepção*. Esse movimento pode ser agir, atuar, comportar-se, atitude, conduta e ainda *e-moção (e-motion)*, portanto para Weizsäcker (*apud* Stepke, 2006) “todo agir é perceptivo e todo perceber é ativo” (p. 111).

A unificação da emoção, da razão e da práxis na medicina antropológica de Weizsäcker (1956), permite compreender novas relações, outras realidades, portanto *des-cobre* e *en-cobre* os princípios complementares do conhecimento humano. Assim, a medicina antropológica e a psicossomática adotam os princípios da nova *física quântica*, que emerge nos meios acadêmico-científicos, mostrando como uma *partícula* possui a mesma realidade descrita como *onda*. Quando observamos é *partícula* e na retirada da observação torna-se uma *onda* de dimensão cósmica no meio sutil (*éter* ou *Akasha*)⁸.

Essas são as leis da *nova física teórica*, inaugurada no início do século passado, e que juntamente com a criação da medicina antropológica (biologia), da teoria da *Gestalt* e das fenomenologias, configura uma contribuição da posterior emergência da concepção dialógica da teoria do movimento humano, tendo como conceito central o *se-movimentar*. É a abertura da nova compreensão para nossa conduta se manifestar no interior do fluxo circular da *percepção-movimento [sensibilidade-mobilidade]* como comunidade de comunicação.

PAUL CHRISTIAN: O ser humano *move-se* orientado *na e pela* intencionalidade

Paul Christian foi um médico alemão com grande participação na criação do conceito de medicina antropológica, junto com Viktor F. von Weizsäcker; porém, suas reflexões são conhecidas somente via traduções e diálogos de seus comentadores, pois seus textos originais em alemão não se encontram traduzidos para a língua portuguesa, nem mesmo para a língua espanhola.

Paul Christian (1963, *apud* Trebels, 2006) continua com as reflexões de seu antecessor e criador da medicina antropológica e a consequente unidade

7 Ver, a esse respeito, em Depraz (2012, p. 40), uma nota do tradutor do artigo, onde diz que o verbo *e-mover* é uma adaptação francesa. Para todos os efeitos, o verbo em francês fica sendo *emouvoir (emover)*, pois *emotionner (emocionar)* é mais uma questão coloquial.

8 Éter ou, mais especificamente, Akasha é uma palavra que vem do *sânscrito*, também pertencente ao hinduísmo, e por diversas correntes místicas. *Akasha* [ã-kã-sha] significa éter: espaço que permeia tudo, originalmente é *radiação* ou *brilho*. Na tradição indiana *akasha* é o primeiro e fundamental dos cinco elementos [além do ar, fogo, água e terra + éter].

entre *movimento-percepção* e apresenta, então, a ideia central da aprendizagem de movimento pela *consciência de valor* na superação das duas principais ideias que ainda vigoravam na compreensão do movimento humano: de um lado o *ato biológico* e de outro o *ato mecânico*. Com o texto onde descreve o evento da pessoa que toca um sino numa igreja, o autor questiona o processo no qual a aprendizagem ocorre, não sem antes questionar a forma como a pessoa aprende a tocar esse sino se ela nunca o fez antes, realizando os movimentos de forma harmônica e num fluxo coerente (Christian, 1948, *apud* Trebels, 2006).

A princípio, a psicofísica da época não dispunha de aparelhos que hoje existem, e nem o nome da área de investigação hoje em dia ainda se sustenta, pois passamos a conhecer hoje, no campo da neurociência, a aproximação das medidas e cálculos entre estímulos sensoriais e reações físicas. Seus métodos envolvem investigações fisiológicas e técnicas de *imagiologia do cérebro* e *ressonância magnética* para reconhecer áreas do cérebro envolvidas e correlacionadas no momento da existência do movimento. Para Christian, esse diálogo é uma emergência que nunca está dada de antemão, ou seja, é sempre algo novo e que ganha relevância tanto do lado *biológico* quanto *mecânico*, bem como do lado *fenomenológico* e da *intencionalidade*.

Aprender passa a ser uma questão que recebe somente orientação de uma *consciência-de-valor*, sendo que esta orientação emerge no instante da própria realização do movimento, confirmando assim a relação e união *movimento-percepção*, diálogo da sensibilidade corporal e meio ambiente, de modo que esse princípio terá, dando seguimento aos seus estudos, uma maior aproximação com a *Filosofia dos Valores* de Max Scheler.

Às leis mecânicas a que Christian se refere dizem respeito, em primeiro lugar, uma lei com linguagem para a aprendizagem e aquisição de movimentos e, em segundo, uma lei para a reconstrução mecânica dos movimentos. Ambas fazem parte do processo de ensino e de aprendizagem do movimento humano que farão parte das reflexões dos professores holandeses na área do ensino do movimento (educação física escolar).

Paul Christian foi o sucessor de Weizsäcker na *Escola de Heidelberg*, tanto que, segundo Stepke (2006) diz, ele “manteve seu espírito e renovou suas concepções” (p. 102), ampliando a concepção de medicina antropológica e sua atuação no trato psiquiátrico com aqueles acometidos de enfermidades. Uma dessas renovações foi o desenvolvimento da *relação de correspondência* entre o *somático* (corpo) e o *psíquico* (mente-espírito). Segundo Stepke (2006), “O somático não causa o psíquico. O psíquico não determina o somático. A relação entre eles não é unívoca, mas de correspondência” (p. 105). Por isso ele pode afirmar que não é o *corpo-coisa*, mas sim o *corpo-próprio* que se manifesta como um *campo de intencionalidades*. Podemos viver e habitar, diante dessa concepção, vários corpos, em conformidade com os mais variados contextos sociais: papéis públicos, práticas corporais, seduções e persuasões, afetos e riscos. Christian (*apud* Stepke, 2006) finaliza essa ideia dizendo que “O corpo é vivido de muitas maneiras e não de uma apenas” (p. 104), pois corpo, espírito e pessoa formam a *fusão do falante e linguagem* e o *mundo vivido* é o palco das aventuras humanas.



Muitos podem se lembrar de uma vida no campo e lá se encontram dois trabalhadores. Eles vão serrar um tronco de madeira. Inicialmente colocam-no sobre dois cavaletes. Em seguida empunham a serra e cada um toma lugar na extremidade da serra. Para que o tronco comece a sofrer um corte, os dois trabalhadores precisam necessariamente entrar em harmonia quanto ao serrar. Esse processo vai ganhando coerência à medida que os dois serram. Não tem como definir nada antes, só se pode organizar a atividade, fazendo-a, ou seja, serrando. É assim que Christian pensa a *bipersonalidade*, ou seja, duas pessoas sujeitam-se ao desenvolvimento de uma única atividade. Ela passa a ganhar coerência e harmonia só quando o conjunto como um todo *se-movimenta*: trabalhadores, serra, tronco e *valor no fazer*.

Próximo desse exemplo, onde dois trabalhadores serram um tronco, Trebels (2006, p. 29) apresenta outro exemplo de harmonia e coerência quando um sujeito vai tocar um sino. Esses exemplos ajudam a pensar situações de aprendizagem de movimentos no esporte, nas aulas de educação física, nos jogos em geral, e nas brincadeiras, não só com crianças, mas também com jovens e adultos... Stepke (2008) vai dizer que essa relação não se organiza no espaço interior do indivíduo, mas sim que ela se organiza tão somente no intercâmbio que tem lugar num *entre-espaço* chamado *linguagem*, ou melhor, no *diálogo sujeito-meio ambiente*, podendo ser expandido para sujeito-sujeito, médico-paciente, professor-aluno e outras circunstâncias cotidianas.

Em 1948, Paul Christian faz uma homenagem a seu professor Viktor von Weizsäcker, publicando seu famoso trabalho sobre *A consciência de valor no fazer* (*Vom Werthewusstsein im Tun*). Já no início das argumentações, esclarece que, na experiência natural, o movimento aparece como uma atividade carregada de intento, portanto já existem as intenções do que se seguirá posteriormente, de modo que, segundo Stepke (2008), “El hacer, el movimiento humano no será objeto de una mecánica corporal. Será objeto de una reflexión dadora de sentido” (p. 41)⁹. Esta é a ampliação que Christian faz em relação às colocações de Weizsäcker, quando ele já distinguia, no interior do sistema nervoso, entre *condução* (*Leitung*) e *rendimento* (*Leistung*). Christian (*apud* Stepke, 2008) se refere ao movimento dizendo: “Pues no se mueve el hombre, y tampoco el animal, simplemente por mover-se.... Los organismos se mueven para algo y no solamente por algo” (p. 41)¹⁰.

Aqui o autor esclarece que não entende o movimento só a partir do exterior, mas antes de tudo o compreende a partir da dimensão interior ou subjetiva, ou seja, da intencionalidade operante de Husserl, com característi-

9 “No *fazer*, o movimento humano não será objeto de uma mecânica corporal. Será objeto de uma *reflexão dadora de sentido*” (Tradução nossa). Aqui é necessário fazer distinção entre *ação dadora* e *doação*. No primeiro caso, a ação exige diferença de níveis, de modo que a ação é realizada sem que o receptor e aquele que dá pertençam ao mesmo círculo existencial, pois o sentido para orientar a ação vem de uma unidade de sentimento que não se encontra no mesmo plano da ação; já no segundo, a ação se dá no mesmo nível, ou seja, ambos pertencem ao mesmo ambiente existencial, como por exemplo uma doação de órgãos, uma doação de alimentos ou uma doação financeira.

10 “Pois não se move o homem, e tampouco o animal, simplesmente por mover-se.... Os organismos se movem para algo e não somente por algo” (Tradução nossa).

cas intimamente adequadas ao *valor do movimento*, do *fazer* e do *se-movimentar*. Christian vai dizer que essa é a vida do esporte (igualmente do jogo e da brincadeira das crianças), onde o resultado já está conquistado antecipadamente e o jogador não joga, mas *é jogado*. É o valor do *fazer* que deleita o espectador e não o gesto corporal mecânico em si, muito menos o conjunto de músculos e nervos aí envolvidos. O valor do *fazer*, no *movimento humano*, chega à consciência do espectador como algo correto, justo, apropriado, adequado e coerente, na mais perfeita harmonia. É a síntese de uma *Gestalt* na música, na dança, no teatro, no circo, na brincadeira e no movimento humano em geral. Para Christian (1997) a medicina não é só ciência ou técnica, senão um tratamento com o *ser humano* no mais alto nível dialógico e de compreensão sapiente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MOVIMENTO HUMANO

A teoria do movimento humano emerge de duas fontes: *Gestalt* e *Fenomenologia francesa*. Suas relações estão intimamente vinculadas à antropologia filosófica; no entanto, nosso objetivo passa pela revisão criteriosa das bases antropológicas vindas da doutrina gestáltica, de modo que encontramos na medicina antropológica os fundamentos para tratamentos terapêuticos e pedagógicos no campo da saúde. É assim que o antigo paradigma de *tratar a doença* é substituído pelo *tratar a pessoa doente*. A antropologia médica dá um passo a mais no seu desenvolvimento e concebe a unidade da *percepção-movimento*.

São similares as dificuldades que a concepção de movimento humano enfrenta, quando tenta conquistar espaço entre os profissionais no ensino da educação física escolar, bem como nas formações inicial e continuada. Embora essa influência didático-pedagógica tenha conquistado espaço no interior das universidades, Kunz (2001) destaca a dificuldade que professores enfrentam, nas escolas das redes de ensino estaduais e municipais no Brasil, quando na elaboração de projetos pedagógicos direcionados para atividades concretas de ensino. As conquistas acadêmicas, embora escassas, não refletem a realidade das escolas, pois no interior dos estabelecimentos de ensino, de um modo geral, os avanços não passam de instrumentalização físico-técnica. Combinar o pensar e *fazer*, segundo o autor, exige um esforço didático-pedagógico na transformação de realidades e práticas no exercício do magistério.

Além da dificuldade acima mencionada, Kunz (2001) indica também a dificuldade relacionada à carência de aprofundamentos e esclarecimentos teórico-práticos, considerando essa nova influência no pensamento pedagógico da educação física. Se por um lado fica difícil conceber a nova ideia a partir do conceito do *movimento humano*, tendo como eixo central o *se-movimentar*, mais complicado tem se tornado a temática quando junta a percepção, de modo que o novo enlace didático-pedagógico se dá na mobilidade *movimento-percepção*.

Dos três níveis de interpretação possíveis, a partir da ideia de percepção, Weizsäcker (2009) indica primeiro a *sensação*, que é realizada por meio dos órgãos dos sentidos; a segunda, o *juízo*, que possibilita inclusive a interpretação da primeira, a sensação; e, para finalizar, o *afeto*, que é aquilo que provoca este juízo. Essas percepções não ocorrem separadamente, no entanto podem ser separadas quando de uma análise posterior ao acontecido. Perceber algo acontece antes do reagir sobre esse algo, com nítida vinculação à concepção da doutrina



behaviorista de estímulo-resposta, aumentando o distanciamento daquilo que defendemos sobre a nova compreensão fenomenológica do *movimento humano*.

Kunz (2001) vai destacar posições que se afastam desse esquema estímulo-respostas. Refere as ideias de Maturana (1997), que apresenta uma visão estrutural-sistêmica, onde a percepção é considerada, segundo algumas perspectivas cognitivistas, como conhecimento puro, de modo que os praticantes de esporte e jogos em geral podem desenvolver as dimensões da percepção, chegando a captar aquelas que antes apresentavam dificuldades. Kunz (2012) também destaca Bergson (1999), pois a percepção é um fenômeno fisiológico corporal e material, de modo que a função do movimento das moléculas depende desses. Distinguindo percepção de matéria, Bergson diz que essa é um conjunto de imagens, enquanto aquela é a constituição dessas imagens relacionadas ao mover o corpo. É assim que Bergson entende a influência dos órgãos dos sentidos do corpo na percepção, ou seja, *o próprio corpo é a percepção*, tal qual a ideia de *corpo-próprio* de Merleau-Ponty (2009), que, por outro lado, lamenta, em textos da última fase, o fato de seus professores não terem lhe falado mais sobre a doutrina intuicional bergsoniana.

Merleau-Ponty (2014) vai dizer que o nosso corpo se organiza de modo a suportar camadas distintas, uma chamada *habitual* e a outra *atual*. Nelas somos atravessados por marcas invisíveis que não são submetidas aos atos reflexivos e o *contato* é mais uma expressão e menos um fenômeno físico ou fisiológico. É possível observar essas manifestações corporais não só com amputados, mas também no esporte, no jogo e nas brincadeiras de uma forma geral. Quando uma bola é arremessada em nossa direção, tal movimento da bola exige que algo ocorra entre a observação e a ação. O contato visual é o meio mais eficiente para nossa orientação no meio ambiente, portanto o espaço do *se-movimentar* não é o espaço tridimensional e geométrico indicado pelas orientações behavioristas, mas sim uma percepção do espaço *para algo*, que é o jogar, o correr, o saltar e o brincar. Sempre tem uma intencionalidade que denomina esse espaço como *espaço vital*, onde o *eu posso* indica de forma pré-objetiva e afetiva, mas não reflexiva, a autorrealização da conduta esportiva.

CONSIDERAÇÕES SOBRE RESPONSABILIDADE SALUTAR

Para nós, pedagogos, torna-se de suma importância uma compreensão da combinação *percepção-movimento*, de modo que a ideia de saúde na educação física escolar tenha campo distinto daquele até então conhecido como *exercício físico*. Não seria mais uma concepção patogênica, onde movimento serviria de compensação para a vida agitada e estressante dos tempos modernos, mas sim uma concepção salutogênica, que, segundo Brodtmann (2006), serviria de promoção para a saúde e educação como um princípio único. A educação física *responsável* é aquela que conta com uma escola que desenvolve atividades não no modelo terapêutico, mas sim na concepção da antropologia médica de Weizsäcker e até mesmo na sociologia médica, como é o caso da solutogênese, onde se procura: a) atender a pessoa com enfermidade; b) manter a saúde das pessoas, apesar dos contrastes da vida moderna; e c) finalmente, adotar a

conduta *perceber-movimentar* diante das situações do cotidiano. Nossas crianças e jovens precisam ser atendidos naquilo que diz respeito a *ser mais saudável* e não fazer exercícios simplesmente para evitar doenças cardiorrespiratórias, para uma melhoria na flexibilidade, reforço na musculatura dorso-lombar e prática de exercícios de descontração e de habilidades gerais¹¹.

A percepção pode ser desenvolvida, ampliada e expandida. Cabe destacar a importância da atenção como foco e exercício, pois o *corpo percebido* no interior do *mundo percebido* se modifica e se transforma em função da experiência de movimento no campo de existência. Quando o corpo se move, o faz em função de algo, na direção de algo que já está dado no objeto mirado pela intencionalidade. É assim que percepção e movimento são coincidentes no fluxo espaço-temporal.

Em seminário de professores no Brasil, Maturana (2004) esclarece alguns conceitos que são centrais na compreensão do *movimento relacional*. Em primeiro lugar, pelo *linguajar* e pelo *emocionar* tudo o que é humano se constitui pela conversa, de modo que estamos sempre inseridos numa rede de conversações. Uma rede, por exemplo, na qual essa conversação ocorre é a profissão de professor, e os ambientes educacionais se tornam espaços de aprendizagem do *linguajar* e do *emocionar*. As crianças começam a desenvolver as metodologias relacionais na *linguagem corporal*, bem como se expressam a partir do *emocionar*, tendo em vista que dali se origina o *se-movimentar*. Na sequência, ganham o acompanhamento do *pensar*, e só mais tarde, se houver necessidade, ganham o *agir*, a ação em si. O *emocionar* encontra-se antes do pensamento e esse antes do agir. Para Maturana, as culturas são redes fechadas de conversação, se transmitem de geração para geração. Elas produzem as configurações nas quais as conversações vão se originar. Cada geração se configura numa forma de *emocionar* e as conversações brotam do caráter dessa cultura, e, sendo assim, é a emoção quem vai formar o caráter dessa cultura, de modo que ela se torna o guia do fluir histórico das conversações de geração em geração.

A importância dessa compreensão do fluxo histórico das conversações vai se refletir no campo da educação e da saúde, pois as pessoas *se-movem* a partir dos seus estados emocionais, das suas emoções, que originam as conversações e os discursos, aquilo do qual elas falam no dia a dia e também, inclusive, das duas ações e condutas. A educação física *responsável* e a saúde confiável são fluxos de vital importância nos dias de hoje, assim como o foram no passado histórico. Responsabilidade e confiança se constituem nosso guia, são nossas emoções construindo nossa aprendizagem e nossa evolução, de modo que esse *emocionar*, ao ser conservado de geração em geração, permite a aprendizagem, pelas crianças, do *emocionar* confiável, salutar e responsável. Ao conquistarmos um campo onde educação, saúde e movimento humano se apresentem de forma amorosa e afetiva, teremos crianças com capacidade perceptiva para o respeito e confiança em si próprias, nos outros e no universo.

11 A esse respeito ver também Baecker (2004), *O desenvolvimento das crianças e jovens pelo movimento: Quais são as perspectivas resultantes do desenvolvimento, pelo movimento, para a formação dos professores brasileiros de educação física?* A autora aborda aqui a questão da formação da identidade na prática educativa, que pode ser construída nas interações sociais, tanto na escola como nas diversas circunstâncias da vida.



Maturana (2004) encerra a entrevista dada aos professores da Universidade Católica de Brasília – UCB, em seminário comemorativo aos 10 anos do mestrado em Educação, dizendo que não se pode, como pedagogo responsável, trair as crianças. Não se pode desconsiderá-las quando se diz que aquele ambiente é de acolhimento e afetividade, ambiente de aprendizagem e espaço de experiências da existência humana. Também seria inadequado didaticamente, por parte do pedagogo, prometer brincar e em seguida ordenar silêncio, quietude e atenção forçada. Essa experiência a criança vive como uma traição, uma violência e brutal falta de respeito, pois as crianças já adquiriram uma quantidade de conversação na rede de conversações culturais fora da escola e sabem distinguir questões de fundo amoroso e afetivo. O emocionar não engana porque não pode ser manipulado, ele antecede todas as outras manifestações como falar, discursar e agir. As crianças o sabem e percebem, e quando surgem dor e sofrimento na conversação é porque a presença de sentimentos alheios ou distintos do emocionar e *linguajar* da biologia do *amar* estão tomando a coordenação da rede de conversações daquele ambiente.

Em lugar da escola postural, que só se esmera na postura corporal, buscamos uma escola universal, aquela que mostre às crianças e jovens o sentido da vida, tomando como referência a existência cósmica e universal, tal qual a própria vida. Não há fronteiras e limites para essa concepção; portanto, movimento é vida e vida é movimento, e mais: perceber é *se-mover* e as experiências de movimento ampliam a percepção, assim como colocam em sintonia corpo, movimento e universo. Não é uma cópia, mas sim uma intencionalidade ganhando forma, segundo Heij (2009), *contato no campo existencial sendo ser-aí-em-movimento*. Um *sentido de vida para o sentido humano*. Que nos alegremos com isso!

REFERÊNCIAS

- BAECKER, I. M. O desenvolvimento das crianças e jovens pelo movimento: Quais são as perspectivas resultantes do desenvolvimento, pelo movimento, para a formação dos professores de educação física brasileiros? In KUNZ E. & HILDEBRANDT-STRAMANN R. (Orgs.). **Intercâmbios científicos internacionais em educação física e esportes**. Ijuí: EdUnijuí, 2004, p. 179-199.
- BERGSON, H. L. **Matéria e memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BRODTMANN, D. O que mantém as crianças e os jovens mais saudáveis! Novas maneiras de entender a saúde e suas consequências na promoção e educação. In KUNZ E. & TREBELS A. H. (Orgs.). **Educação física crítico-emancipatória: Com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: EdUnijuí, 2006, p. 97-115.
- CHRISTIAN, P. **Medicina antropológica**. Tradução de Fernando Lolos Stepke. Santiago de Chile: EdUniversitária, 1997. (Original alemão *Anthropologische Medizin*, 1989).
- DEPRAZ, N. Delimitación de la emoción: Acercamiento a una fenomenología del corazón. **Investigaciones Fenomenológicas**, 9, 39-68, 2012.
- ENGELMANN, A. A psicologia da *Gestalt* e a ciência empírica contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 18(1), 1-19, 2002.



HEIJ, P. **Begründungen eine verantwortungs bewegunsunterricht**. Budel, Damon, 2009. [Livre tradução do holandês para o alemão por Andreas Trebels e do alemão para o português por Elenor Kunz].

KUNZ, E. Fundamentos normativos para as mudanças no pensamento pedagógico em educação física no Brasil. In CAPARRÓZ F. E. (Org.). **Educação física escolar: Política, investigação e intervenção**. Vitória/ES: Proteoria, 2001, 9. 9-38.

_____. Por uma concepção teórico-filosófica do movimento humano. In E. Kunz, **Educação física: Ensino e mudanças**. 3 ed. Ijuí: EdUnijuí, 2012, p. 236-247.

MATURANA, H. Entrevista. **Revista Humanitates**, 1(2), novembro, 2004. (*On-line version* ISSN 1807-538x).

_____. **Ontologia da realidade**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

_____. **O visível e o invisível**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

NEUSER, W. Exposição comparativa das concepções de Weizsäcker, Maturana e Luhmann. In FLICKINGER H. G. & NEUSER W., **A teoria de auto-organização: As raízes da interpretação construtivista do conhecimento**. Porto Alegre: EdPUCRS, 1994, p. 63-84.

REZER, R., e REGGIO, D. J. Concepções filosóficas para o campo da saúde: Um diálogo com Gadamer e Weizsäcker. In SÁ C. de, FERRETTI F., & BUSATO M. A. (Orgs.). **Ensaio contemporâneo em saúde: Uma perspectiva interdisciplinar**. Chapecó: Argos/Unochapecó, 2013, p. 13-31.

STEPKE, F. L. La medicina antropológica de Heidelberg: Una perspectiva personal y algunas reflexiones. **Persona**, 11, 33-50, 2008.

_____. **Muito além do corpo: A construção narrativa da saúde**. São Paulo: Loyola, 2006.

TREBELS, A. H. A concepção dialógica do movimento humano: Uma teoria do “se-movimentar”. In KUNZ E. & TREBELS A. H. (Orgs.). **Educação física crítico-emancipatória: Com uma perspectiva da pedagogia alemã do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2006, p. 23-48.

WEIZSÄCKER, V. F. **Escritos de Antropología Médica**. Tradução de Dorrit Busch. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2009.

_____. **Der gestaltekreis: Theorie der einheit von wahrnehmen und bewegung** [*O círculo gestáltico: Teoria da unidade de percepção e movimento*]. 4 ed. Stuttgart/New York: [s.ed.]: 1968.

_____. **El hombre enfermo: una introducción a la antropología médica**. Tradução de Víctor Scholz y Soler Enrich. Barcelona/Espanha: EdLuisMiracle, 1956. (Original alemão *Der Kranke Mensch*).